

■ **Tramas Coloniais**

■ **Episódio 2 - De onde vem o seu conhecimento?**

■ **Transcrição**

[INÍCIO DO EPISÓDIO]

[ÁUDIO]

Som ambiente das ruas de Maputo, em Moçambique.

[MÚSICA]

Tema de abertura.

[RAQUEL]

Oi. Eu sou a Raquel Sirotti. Eu quero abrir esse episódio te convidando pra entrar comigo na Universidade Pedagógica de Maputo, na capital de Moçambique. É uma faculdade com quase 15 mil alunos e 600 professores, que fica no bairro de Lhanguene. Eu estive lá em novembro de 2023 durante uma conferência internacional sobre produção de conhecimento, pra falar sobre quem produz, quem detém, quem manipula e quem ganha dinheiro e reconhecimento com isso. A gente vai falar bastante sobre conhecimento nesse episódio, mas antes eu quero te mostrar o áudio de um vídeo que eu gravei no evento, quando a gente tava voltando do intervalo de almoço. Tenta imaginar a cena aí:

[ÁUDIO]

Mulheres Nyangas cantando e dançando.

[RAQUEL]

É uma sala de aula bem iluminada, com cadeiras pretas e mesas vermelhas. Pra chamar as pessoas e recomeçar o evento, algumas mulheres vão se juntando na parte da frente da sala, cantando e dançando.

[ÁUDIO]

Seguem as mulheres Nyangas cantando.

[RAQUEL]

Todas elas estão usando capulanas, que são uns panos longos coloridos muito tradicionais em Moçambique, amarrados em volta da cintura como se fosse uma saia. Essas mulheres são Nyangas. Mas quem vai te explicar o que é ser um Nyanga não sou eu. É um pesquisador moçambicano, que também é Nyanga e foi um dos palestrantes desse encontro.

[BENJAMIN MACUACUA]

Muito obrigado. Eu sou Benjamin Macuacua. Como é que eu me classifico? Eu me identifico como um sociólogo, identifico-me também como um antropólogo. Mas há uma coisa que eu sempre não deixo de colocar na minha apresentação, sempre que eu falo com as pessoas, sempre nas apresentações, que eu sou Nyanga. É... e dentro de mim coabitam e partilham espaço essas identidades todas.

[RAQUEL]

O professor Benjamin Macuacua é diretor de uma ONG de educação e cultura chamada Yethu, que foi uma das organizadoras do evento. Alguns dias depois da palestra na Universidade Pedagógica, ele conversou com a Karolyne Mendes, que estuda esse tema dos Nyangas e participou nas pesquisas aqui do podcast.

[BENJAMIN MACUACUA]

- **Karolyne:** Gostaria que o senhor falasse pra gente... o que é ser um Nyanga?
- **Benjamin Macuacua:** Bom, quando nós falamos do Nyanga, nós estamos a falar do pacote completo. Estamos a falar de um produto final, ok? Mas este produto final é um produto de um processo, um processo muito complexo. O Nyanga é aquela pessoa, na nossa cultura, na nossa tradição, é aquela pessoa que congrega vários saberes. Tem a capacidade de interpretar conteúdos espirituais, ele tem a capacidade de fazer a ligação entre os vivos e os mortos, mas o Nyanga também é aquela pessoa, é aquela pessoa que tem a capacidade, tem as habilidades, tem o conhecimento de lidar com plantas, lidar com recursos marinhos, lidar com recursos animais também, para cuidar de patologias, para cuidar de doenças.

[RAQUEL]

A gente vai voltar a falar dos Nyangas mais pra frente, mas eu já quis te mostrar essa conversa aqui no início porque ela é muito simbólica do tema desse episódio. Falando em episódio, se você não ouviu o primeiro, volta lá que vai fazer mais sentido escutar na ordem. E se você ouviu, você sabe que eu não tô sozinha aqui, né?

[GABI]

Oi, Raquel. Oi pra você que tá ouvindo. Eu sou a Gabriela Montoni, e eu acompanho a Raquel aqui na apresentação. Esse é o segundo episódio do Tramas Coloniais, um podcast sobre a história do colonialismo. Uma imersão no passado pra tentar entender o presente e, quem sabe, projetar o futuro. Em sete episódios, o nosso olhar se volta pro centro do mapa: a África.

[MÚSICA]

Tema de abertura.

[JANAÍNA OLIVEIRA]

Episódio 2: De onde vem o seu conhecimento?

[RAQUEL]

Hoje a gente vai passar por países como Moçambique, Congo, Gana, Angola, Nigéria... Na Nigéria, por exemplo, a Fernanda conversou com uma mulher de quase 100 anos de idade, que foi a primeira professora universitária do país. A gente vai te levar pra dentro da casa dela.

[FELICIA OGUNSHEYE]

- **Fernanda:** Why did you decide to study geography?
- **Felicia:** Ah, I will tell you my father had wanted me to do Medicine.
- **Fernanda:** Hum...
- **Felicia:** And...

[RAQUEL]

Mas antes, só pra ficar todo mundo na mesma página, vamo entender o significado de uma palavra meio complicadinha, mas muito importante pra esse episódio. Anota aí: e-pis-te-mo-lo-gi-a.

[ÁUDIO]

Som de teclado de celular acompanhando as sílabas.

[RAQUEL]

Epistemologia.

[GABI]

Na definição mais simples, epistemologia é o estudo do conhecimento. Essa definição, aliás, tá na própria palavra, de origem grega: *episteme* é conhecimento, e *logia* é estudo. Num conceito mais amplo, epistemologia é a forma como a gente observa, interpreta e explica o mundo que está à nossa volta. Por exemplo: se você quer saber se vai chover hoje, você pode olhar as nuvens pela janela, mas também pode checar a previsão do tempo no seu celular.

[ÁUDIO]

Som de trovão ao longe. Depois entra um som de chuva leve.

[GABI]

Quando você faz isso, você está fazendo um exercício epistemológico, considerando diferentes fontes de conhecimento pra descobrir se vai chover. E como dá pra ver nesse exemplo, essas fontes de conhecimento podem ser múltiplas e variadas. A maneira como a gente entende o mundo não é sempre a mesma. A epistemologia não é uma coisa neutra nem universal. Ela reflete o jeito como a gente se relaciona com os lugares, com as pessoas, com a política... e o jeito como a gente produz conhecimento.

[RAQUEL]

Lembrando que a gente produz conhecimento o tempo todo, né? Produção de conhecimento não é só o que acontece dentro das paredes de uma universidade, de uma escola, de um laboratório. Um sistema de conhecimento é um conjunto de crenças e práticas que um grupo usa pra compreender o que está à sua volta. Isso envolve educação, direito, filosofia, medicina, artes, religião...enfim, envolve um monte de coisa. O sistema de conhecimento ocidental europeu tá muito baseado na ideia de quem sou eu, e quem é o outro. Ou melhor, a separação entre observador e observado. E quando a gente traz pro tema do nosso podcast, o colonialismo, ali também dá para perceber essa separação entre duas coisas diferentes. Ouve só esse trequinho de um texto do filósofo e escritor congolês que a gente já tinha citado aqui no primeiro episódio, o Valentin-Yves Mudimbe.

[ÁUDIO]

Som de página virando.

[CAIO SANTOS]

A causa da estrutura colonizadora deu origem a um sistema dicotômico, e com ele surgiram numerosas oposições: tradicional versus moderno; oral versus escrito; comunidades agrárias versus civilização urbana e industrializada; economias de subsistência versus economias altamente produtivas.

[RAQUEL]

A colonização é baseada nesse suposto contraste e na ideia de superioridade de um povo sobre o outro. Superioridade muitas vezes chancelada pela própria ciência, especialmente as ciências sociais.

[GABI]

Vale pensar numa provocação feita pelo Mudimbe: até que ponto nós somos dependentes da epistemologia europeia e colonial? Ou seja, do jeito como o europeu colonizador interpreta o mundo. E ele não tá falando só dos vilões da colonização não, tá? Isso é sobre todos nós: eu, a Raquel, você que tá ouvindo. Até que ponto o nosso jeito de interpretar as coisas tá contaminado pela herança colonial? O jeito como você faz o seu trabalho, o jeito como esse podcast é produzido... dá pra se desvencilhar dessa herança na hora de produzir conhecimento?

[MÚSICA]

Tema de transição.

[RAQUEL]

No centro dessa dicotomia descrita pelo Valentin Mudimbe está a questão da raça. A separação e a dominação passam pela ideia de que os brancos europeus são superiores, e os negros africanos são inferiores. O nosso quarto episódio vai mergulhar mais nesse tema, mas como a gente tá falando sobre sistema de conhecimento, é importante saber que, em meados do século 19, essa questão da raça virou uma questão “científica” - e aqui eu to colocando esse científica entre aspas, porque muitas das coisas que essas teorias diziam foram muito rapidamente contestadas e desmentidas pela própria ciência. Em 1869, foi publicado um livro chamado “Gênio hereditário: uma investigação sobre suas leis e consequências”, do antropólogo e cientista britânico Francis Galton. Ele era um homem branco, filho de um banqueiro muito rico. E era primo do famoso naturalista Charles Darwin, que era 13 anos mais velho que o Francis. O Francis Galton é considerado o fundador da eugenia, e nesse livro ele defendia a qualificação dos seres humanos com base nas

características hereditárias como uma ferramenta para melhorar as gerações futuras. Ele sugeria inclusive casamentos arranjados entre pessoas com aspectos físicos que ele considerava, abre aspas, “superiores”. E afirmava que o padrão intelectual médio dos negros ficava cerca de dois graus abaixo dos brancos. É claro que a ideia de inferiorização de povos não-caucasianos, ou não brancos, é muito anterior ao Galton - e a gente também vai falar sobre isso mais adiante no podcast. Mas essa teoria racial fundamentada por uma suposta ciência ajudou a estabelecer esse sistema de conhecimento no século 19. E os reflexos disso tão aí até hoje.

[ELÍSIO MACAMO]

Sim, e olha, eu acho que isso também tem a ver com a própria natureza da produção do conhecimento, né?

[RAQUEL]

Esse é o professor e intelectual moçambicano Elísio Macamo, da Universidade de Basel, na Suíça. A gente conversou com ele numa chamada de vídeo, e ele falou sobre como essa interpretação do mundo de uma forma racializada é tanto uma invenção como uma herança do colonialismo.

[ELÍSIO MACAMO]

Então, por exemplo, se a gente olha o que a Raquel estava a dizer agora, que eu acho muito importante, muito perspicaz, sobre a questão do racismo, a raça. Foi uma maneira de ganhar a capacidade de falar de forma inteligível sobre o mundo. Né? E claro, com consequências práticas horríveis. Mas foi uma maneira exatamente de conferir a inteligibilidade ao mundo, que acabou construindo o mundo dessa forma racializada. Uma vez que o regime colonial criou esse tipo de categorias, elas ficam. E passam a ser a nossa referência. Porque a gente poderia dizer assim: olha, vamos ultrapassar isso, vamos pensar um mundo de outra forma. Mas como é que a gente vai fazer isso sabendo que a existência desse tipo de categorização criou sujeitos, né, que sentiram na pele as consequências desse tipo de categorização. A gente não estaria a banalizar, por exemplo, o sofrimento de certas pessoas se a gente passasse rapidamente por cima dessas categorias e a gente insistisse, por exemplo, em categorias universais, a gente insistisse na ideia de que raça não existe? Porque sabe, o que é curioso é que todos nós dizemos, olha: a raça não existe. Mas nenhum de nós está em condições, e não devia estar, de prescindir desse tipo de conceito, porque ele criou um mundo de uma certa maneira.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[ÁUDIO]

Som ambiente da cidade de Colwyn Bay.

[RAQUEL]

Para a gente entrar no papel que a educação tem no sistema de conhecimento do colonialismo, a Gabi vai te contar uma história. E essa história acontece fora da África, na cidade de Colwyn Bay, um balneário bem tranquilo no norte do País de Gales, no Reino Unido.

[GABI]

Esse som que você tá ouvindo é lá da cidade mesmo, mas é um som atual. E eu quero que você imagine Colwyn Bay no fim do século 19. Pode começar por uma imagem registrada numa fotografia real, em preto e branco. No centro da foto está um homem alto, branco, de barba, vestindo uma espécie de sobretudo. Ele está de pé, posando pra foto entre dois meninos, com as mãos repousadas nos ombros deles. São duas crianças negras, com expressão séria, vestindo roupas sociais escuras. Deu pra imaginar bem a foto? Agora eu vou te contar quem são essas pessoas. O menino da esquerda se chama Kinkasa, ele tem 11 anos. O da direita é o Nkanza, de 9 anos. E o homem no centro é o reverendo William Hughes, um missionário inglês da Igreja Batista que atuou no Congo - na época uma colônia da Bélgica. Ele chegou na África em 1882, mas três anos depois ficou doente e teve que voltar pra Inglaterra. Só que ele levou com ele esses dois meninos congolezes. Os três circularam por igrejas do País de Gales dando palestras e arrecadando dinheiro pro trabalho missionário. Em 1887, o reverendo se estabeleceu em Colwyn Bay, e ali ele fundou o Instituto de Treinamento do Congo.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[GABI]

A ideia do Instituto era a seguinte: em vez de mandar missionários britânicos pra África, eles levavam africanos de várias nações até o País de Gales, pra serem educados lá, numa sociedade cristã. Depois essas pessoas retornavam à África como missionários moldados no sistema de conhecimento da Europa, para espalhar

entre os africanos a palavra de Deus. Durante 25 anos, o Instituto recebeu estudantes não só do Congo, mas de Serra Leoa, Nigéria, Camarões e Libéria. Esse modelo era uma exceção dentro do colonialismo belga. Era até tolerado pelo governo, mas financiado pela iniciativa privada. As autoridades coloniais não gostavam da maneira como os africanos voltavam: mais ambiciosos, com personalidade mais forte, e até ameaçando a hegemonia branca. Pra tentar embasar a tese de que era melhor educar os africanos fora dos seus lugares de origem, o reverendo publicou um livro com o seguinte título: “A África obscura e o caminho de saída: um esquema para civilizar e evangelizar o continente obscuro”. Esse trechinho resume bem a ideia:

[CAIO SANTOS]

Ao levar os estudantes africanos mais bem dispostos para longe do miasma que aflige a atmosfera moral da região do Congo, é mais fácil moldar seu caráter com base nos princípios cristãos e fornecer uma formação geral que transformaria esses estudantes numa força evangelizadora inestimável.

[RAQUEL]

É o caráter civilizador do colonialismo. Que passa pela religião, mas também pela arte, pela música, pelo cinema... O próprio Congo teve uma produção cinematográfica relevante no período colonial, na primeira metade do século 20. Mas cheia de regras impostas pelo governo e pelos missionários. Uma lei dos anos 30 proibia filmagens não autorizadas, e nos anos 40 ficou determinado que só pessoas de origem europeia podiam fazer cinema. O próprio Ministério da Informação da Bélgica produziu filmes educacionais pros africanos, mas alguns documentários só podiam ser assistidos pelos belgas.

[ÁUDIO]

Narrador: If you were in the heart of the Belgian Congo, and a group of warriors charged like this, you too would be glad to find out that it was all in fun.

[RAQUEL]

Esse é um filme da década de 1940, produzido no Congo pelo jornalista e documentarista americano Paul Hoefler. Essa cena inicial mostra pessoas de uma aldeia carregando lanças e escudos em direção à câmera, num movimento todo encenado e artificial, sabe? E o documentário segue essa linha de mostrar os nativos como exóticos e selvagens, exatamente como eles eram vistos pelos

estrangeiros. Ou seja, a doutrinação ia muito além da religião, como diz esse outro trecho do livro do reverendo:

[CAIO SANTOS]

Missionários comissionados por uma nação de trabalhadores, seguidores de nosso Salvador, o Carpinteiro de Nazaré, deveriam incluir a indústria como parte da religião, dando um bom exemplo em ambos. Não devemos separar civilização e evangelização, como alguns de nossos amigos fazem; elas devem caminhar juntas. A religião não é antagonista a qualquer coisa que promova o bem, mas é sempre uma amiga. Ciência, arte, música, comércio, todos podem se tornar servos da religião.

[RAQUEL]

Além de evangelizar, o reverendo William Hughes queria introduzir na mente daqueles estudantes africanos as bases da epistemologia ocidental. Nessa linha de pensamento bastante problemática, aquelas pessoas só adquirem valor se forem moldadas de acordo com o sistema de conhecimento europeu. Nesse caso, bem longe de casa. Sem falar que nem todos os alunos se adaptavam, ou até sobreviviam a essa experiência.

[ÁUDIO]

Narradora: "I'm here to look at the African Institute of Colwyn Bay".

[GABI]

Esse é um documentário chamado "O notável reverendo Hughes", de 2018. A historiadora galesa Marian Gwyn vai até Colwyn Bay pra contar a história do reverendo e conversar com descendentes dele. Em determinado momento, ela visita o cemitério da cidade.

[ÁUDIO]

Narradora: "Margie, not all the students made it back to Africa, did they?"

[GABI]

E ela mostra os túmulos de vários estudantes que não chegaram a voltar pra África. Incluindo aqueles dois meninos que tavam na fotografia famosa do século 19. Nkansa morreu seis anos depois daquela foto, com um problema no fígado. Kinkasa morreu mais cedo ainda, menos de dois anos depois da foto. Ele tinha a chamada

doença do sono, causada por um inseto parasita comum nas áreas rurais da África, e morreu aos 12 anos, em maio de 1888. Mais de sete décadas antes da independência do país dele.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[RAQUEL]

O Congo se tornou independente da Bélgica no dia 30 de junho de 1960. Mas agora a gente vai pra Gana, onde esse processo já tinha acontecido três anos antes. Gana foi o primeiro país da África subsaariana a se tornar independente. A colonização inglesa chegou ao fim em 6 de março de 1957.

[ÁUDIO]

- Música da independência de Gana.
- This day will never be forgotten / the sixth of March, 1957.

[RAQUEL]

Essa é a música "Birth of Ghana", que virou uma espécie de hino da libertação.

[ÁUDIO]

- Música da independência de Gana.
- Ghana! Ghana is the name! Ghana! We wish to proclaim.

[RAQUEL]

O discurso da independência, diante de uma multidão na capital Acra, foi feito por Kwame Nkrumah, o primeiro presidente do país.

[ÁUDIO]

Nkrumah: There is a new Africa in the world. That new Africa is ready to fight its own battle and show that after all the black man is capable of managing his own affairs.

[RAQUEL]

Gesticulando bastante com a mão direita, ele diz que "existe uma nova África, e ela está pronta para travar a sua própria batalha e mostrar que o homem negro é capaz

de cuidar dos seus próprios assuntos.” Ao fim do discurso, ele pede pra banda tocar o Hino Nacional de Gana.

[ÁUDIO]

Nkrumah: And here I would like the band to play the Ghana National Anthem.
Hino de Gana.

[RAQUEL]

Assim que assumiu o poder, Kwame Nkrumah colocou na ante-sala do gabinete da presidência uma pintura enorme. Uma arte que representava a luta dele contra o colonialismo, com os grilhões da escravidão sendo quebrados. Esse quadro mostrava também três homens brancos fugindo apavorados. Um era o missionário, com a bíblia na mão. O outro era o capitalista, carregando uma pasta. E o terceiro homem segurava um livro chamado “Sistemas políticos africanos”, um clássico da Antropologia Social Britânica. Essa obra muda a concepção de que os africanos viviam em total barbárie e defende que o continente também tinha organização política, só que num formato diferente do europeu.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[RAQUEL]

A antropologia africana já passou por esse episódio. Você já ouviu o Benjamin Macuacua, falando sobre conhecimento, e o sociólogo Elísio Macamo, que também é doutor em antropologia, falando sobre raça. Mas você também ouviu a história de outro antropólogo, o britânico eugenista Francis Galton, lembra? É que o nascimento da antropologia como uma ciência dedicada ao estudo da - abre aspas - "humanidade" e das diversas formas de organização das sociedades humanas se deu ali no século 19, numa conexão íntima com o colonialismo. Se os navegadores e os missionários eram figuras de grande poder no colonialismo europeu entre os séculos 15 e 18, o antropólogo se torna uma dessas referências nos séculos 19 e 20. É claro que esse olhar sobre o outro vem de muito antes do século 19. Ele já tava presente nas crônicas de viagem feitas por missionários, por exploradores e por militares. O discurso antropológico decorre dessas viagens de exploração e ganha uma chancela científica. Essa função de produzir conhecimento sobre as populações locais teve um impacto enorme em Moçambique nos tempos da colônia portuguesa.

[ÁUDIO]

Folha de papel virando.

[CAIO SANTOS]

Portaria número 10.997. Atendendo ao disposto no decreto-lei número 34.478, de 3 de abril de 1945, e ao estabelecido no plano elaborado pela Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais.

[RAQUEL]

Essa é a portaria que criou a missão antropológica em Moçambique em 1945. Das colônias portuguesas na África, Moçambique foi a que mais recebeu missões patrocinadas pelo governo. E esse texto da portaria dá ideia do tipo de conhecimento que esses agentes tinham que produzir.

[CAIO SANTOS]

Compete à missão:

- a) Prosseguir os estudos antropológicos, etnológicos e pré-históricos realizados em campanhas anteriores pela seção agregada à missão geográfica de Moçambique.
- b) O estudo da robustez e vitalidade dos vários grupos étnicos da colônia, e muito especialmente os indígenas.
- c) Os estudos psicotécnicos experimentais com o objetivo de se colherem elementos que permitam conhecer as aptidões dos indígenas para os vários trabalhos manuais.

[RAQUEL]

Do fim do século 19 até o período da independência de Moçambique, que só aconteceu em 1975, muitos acadêmicos e funcionários do governo português foram enviados ao país para catalogar, estudar e explicar, ou melhor, tentar explicar as populações nativas. Nessas missões também era comum delegar as tarefas aos administradores locais e aos funcionários das companhias privadas que governavam alguns territórios do país. E isso também tava previsto na portaria.

[CAIO SANTOS]

Parágrafo único: para este fim poderá a missão manter estreita colaboração com as missões religiosas e serviços de saúde. O chefe da missão ou seus adjuntos deverão realizar algumas lições, na sede do governo da província onde vão efetivar-se as investigações, com caráter essencialmente prático, sobre antropologia e etnografia,

de forma a despertar o interesse pelos estudos, tanto por parte de funcionários como de outras entidades.

[RAQUEL]

Acho que ouvindo esses trechos dá pra sentir que essas missões antropológicas seguiam a cartilha do colonizador que só reconhecia a própria cultura como legítima. O nativo era sempre o diferente, o outro a ser dominado. Como a gente já falou no primeiro episódio, o colonialismo não é só uma prática de administração, ele é também uma expressão de consciência. E o discurso antropológico emergiu para dar um verniz científico a essa consciência. Mas se a educação era uma ferramenta de domínio na mão dos colonizadores, ela também se tornou uma arma de contra-ataque na mão dos colonizados.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[RAQUEL]

Apesar da perspectiva colonial, muita gente jovem na África via a educação europeia como uma saída prática de ascensão social, ou seja, uma forma de se livrar do trabalho no campo e da violência colonial, indo em busca de um emprego melhor. Por isso alguns povos permitiram um processo massivo de educação ocidental entre os seus jovens. Mas ainda assim, pros africanos em geral, eram poucas oportunidades pra desenvolver os estudos. E essas poucas oportunidades, claro, eram quase todas destinadas aos homens. Agora imagina as dificuldades pra uma mulher nascida em 1926, mais de três décadas antes do seu país deixar de ser uma colônia. Esse país é a Nigéria. Essa mulher é a Felícia Adetowun Ogunsheye.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[RAQUEL]

Formada em Geografia, ela foi a primeira mulher a se tornar professora universitária na Nigéria, e virou uma ativista muito importante na defesa dos direitos das mulheres no país. Em novembro de 2022, poucos dias antes de completar 95 anos, ela recebeu na casa dela a Fernanda Thomaz, que idealizou o podcast junto comigo. A Felícia mora na cidade de Ibadan, capital do estado de Oió, no sudoeste da

Nigéria. Essa casa se tornou um grande centro de pesquisa, com um acervo enorme de livros e documentos.

[FELICIA OGUNSHEYE]

I was born in Benin. My parents were civil servants. They were working first for the mission because they were trained in St. Andrews College. It was the first high institution for men in the country, established by the mission. And then he moved on to Benin and joined the civil service there. And so I was born in Benin.

[RAQUEL]

A Felícia começa a conversa contando que nasceu na cidade de Benin, na Nigéria. Os pais dela eram funcionários públicos e trabalhavam pros missionários. O pai se formou na faculdade de Saint Andrews, a primeira instituição de ensino superior só para homens no país. Depois eles se mudaram para Benin e se tornaram funcionários públicos. Ela concluiu o ensino secundário no Queens College, uma escola pra meninas em Lagos. E aos 19 anos, o sonho era entrar na Yaba Higher School, a primeira instituição de ensino superior da Nigéria.

[FELICIA OGUNSHEYE]

I passed the entrance exam and my father came to see my principal and said: I want my son to go to Yaba Higher College as it was called then and because it's the only higher institution that she can go, she can attend. And they said no, but that's an all-male institution, there are no women there. And I said, yes I know, but I looked at the regulations setting up the institution, and there is nothing in the institution's regulations setting it up, which says you may not admit a woman. And so I spent the first year being the only woman in the institution.

[RAQUEL]

Ela conta que, quando passou no exame de admissão, o pai dela foi conversar com o diretor. Ele disse: eu quero que a minha filha entre no Yaba Higher College, porque é a única instituição de ensino superior que ela pode cursar. Eles negaram, alegando que era um lugar só pra homens, não tinha nenhuma mulher estudando lá. E a Felícia disse pro diretor: eu sei, mas eu já fui conferir todo o regulamento que rege a instituição, e não tem nada nesse regulamento dizendo que vocês não podem aceitar a inscrição de uma mulher. Então ela passou o primeiro ano sendo a única mulher naquela instituição. Você, que tá aí ouvindo: dá pra imaginar a rotina de uma

jovem negra africana estudando numa instituição só com homens, em 1946, quando a Nigéria ainda era colônia?

[FELICIA OGUNSHEYE]

It was terrible. First they gave me a party and I thought, yes, they were giving me a party. But at the end of the party, they wrote a skit about me. And I wasn't sure it was very complimentary. This woman who wants to come and brave the front among the men, they talked about it, about, oh, maybe they did her. No one had ever passed the entrance exam before. maybe they gave her admission because at least it's the only one that got faced to go through the process. So that... until we did the first exam.

[RAQUEL]

A Felícia diz que foi terrível. Que primeiro eles até fizeram uma festa pra ela, e ela pensou: olha, tão dando uma festa em minha homenagem. Mas quando acabou a festa, os homens escreveram uma espécie de paródia sobre ela, e ela não achou aquilo muito legal. Era sobre a mulher que quer chegar e desafiar todos os homens. Eles diziam coisas do tipo: Ah, nunca uma mulher tinha passado na prova de admissão, então talvez eles tenham dado a admissão pra ela por causa disso, porque ela foi a única a encarar todo o processo. Até que um dia, a turma foi submetida à primeira prova.

[FELICIA OGUNSHEYE]

And when we did the first exam only three of us passed that exam, and I was one of the three. Mind you, I was the last one of the three, but I was one of the three that passed the entrance, all the others in a class of all male, you know. (risos) They were divided. Some were excited with me, some were just mad at this woman who was daring the men, you know (risos)...

[RAQUEL]

Nesse primeiro teste, só três alunos passaram. E ela tava entre esses três. Foi a última dos três, a terceira, mas tava lá entre os três que passaram. Nenhum outro conseguiu, numa classe repleta de homens. Aí eles ficaram divididos. Alguns tavam empolgados com ela, outros tavam bravos com aquela mulher que desafiava os homens. Em 1948, Felícia recebeu o diploma como a primeira mulher formada naquela instituição. Depois ela se tornou a primeira nigeriana a estudar em

Cambridge, na Inglaterra, fazendo graduação e mestrado. Naquele campus estrangeiro, ela ocupava o mesmo espaço da elite britânica.

[FELICIA OGUNSHEYE]

On the floor on which I was, on the right side of me was a Duchess, who was a student, and we all rode on bicycles. In those days, there were rules about... You couldn't have men friends. You couldn't have one single man friend in your room at night. And you couldn't have a party in your room. And it was very, very exciting.

[RAQUEL]

No pátio onde ela ficava, ela dividia espaço por exemplo com uma duquesa, que era uma das estudantes. E elas andavam de bicicleta juntas. Mas a Felícia conta que existiam algumas regras: por exemplo, era proibido ter amigos homens. Ela lembra que não podia receber a visita de um homem no quarto à noite, não podia fazer uma festa noturna. Mesmo assim, ela achava tudo aquilo muito estimulante. Como ativista pelos direitos das mulheres na Nigéria, a Felícia integrou a WIS, a Sociedade para o Desenvolvimento das Mulheres. E o trabalho ganhou outra dimensão quando ela foi convidada pra uma conferência da Aliança Internacional das Mulheres, na Grécia, em 1958.

[FELICIA OGUNSHEYE]

And then I got on the Council of the International Alliance. And from there I went through the meetings in Japan, in Britain...

[RAQUEL]

Quando entrou pro conselho da Aliança Internacional, a Felícia passou a frequentar encontros em outros países, como o Japão, a Grã-Bretanha... Ela virou professora em 1973 na Universidade de Ibadan. Continuou investindo em educação e acabou descobrindo o mundo das bibliotecas. Apaixonada por livros, virou consultora na área e criou um centro de pesquisa na sua própria casa. Com livros, documentos, e até música.

[FELICIA OGUNSHEYE]

My husband loved music, he's got all the classical music, all the classical and some of the modern ones too. And when I sit in the library, sometimes things get borrowed, and then get returned. So we... so I started this collection, you know.

[RAQUEL]

O marido dela adorava música e tinha tudo de música clássica, todos os clássicos, e alguma coisa de música contemporânea também. Hoje, quando ela se senta na biblioteca, ela vê que algumas coisas foram emprestadas, outras retornaram. Então ela resolveu montar e organizar essa coleção. Pra gente foi um privilégio poder ouvir essa mulher tão importante e aprender sobre o poder transformador da educação.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[RAQUEL]

Felicia Ogunsheye começou a desenvolver os seus estudos depois da Segunda Guerra Mundial. Antes disso, a colonização na África priorizava o ensino primário, pra formação de mão-de-obra, e menos de 2% dos africanos tinham acesso ao ensino secundário. Em muitos lugares, a saída era criar sistemas escolares independentes. O povo Kikuyu, o mais populoso do Quênia, fundou mais de trezentas escolas entre 1920 e 1952. E a educação foi usada por africanos para produzir conhecimento sobre os seus povos. Em Uganda, Sir Apolo Kaggwa foi um dos maiores intelectuais do país no período colonial. Ele passou a escrever e publicar a sua versão da história e dos costumes locais. Em Camarões, um líder Bamum chamado Ibrahim Njoya inventou um idioma e uma escrita para registrar a história de seu povo, o sistema jurídico e até os fundamentos de uma nova religião reunindo elementos do Islã, do Cristianismo e das práticas locais. Antes de Njoya, o conhecimento no reino Bamum era transmitido de forma oral, e era assim que funcionava em muitos lugares da África. A oralidade é um valor ancestral africano muito importante. Os poetas, por exemplo, tiveram um papel fundamental na educação, inclusive na difusão de ideias emancipatórias. Vários deles ganharam destaque político nos processos de independência. Foi o caso do Agostinho Neto, poeta que começou a publicar seus escritos na década de 1940 e virou líder do Movimento Popular de Libertação de Angola, o MPLA, até o país conquistar a independência e ele se tornar o primeiro presidente.

[ÁUDIO]

Agostinho Neto: Correspondendo aos anseios mais sentidos do povo, o MPLA declara o nosso país constituído em República Popular de Angola (aplausos)

[RAQUEL]

Esse é o discurso do Agostinho Neto em 11 de novembro de 1975, quando Angola enfim se tornou independente de Portugal. É claro que o tema da educação tava presente nesse discurso.

[ÁUDIO]

Agostinho Neto: Reafirmará o propósito inabalável de conduzir um combate vigoroso contra o analfabetismo em todo o país, promover e difundir uma educação livre, enraizada na cultura do povo angolano.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[RAQUEL]

Na reta final desse episódio, eu quero voltar pra pergunta que a Gabi fez lá no começo: dá pra se esquivar dessa herança europeia colonial na hora de produzir conhecimento? Como a Europa durante muito tempo teve o poder de determinar o que é o conhecimento, muitas vezes ele ainda é replicado sem levar em conta os saberes locais.

[GABI]

A pesquisadora nigeriana Oyeronke Oyewumi tem um livro chamado “A invenção das mulheres”, onde ela lembra que os pesquisadores insistem em usar noções ocidentais de gênero pra explicar aspectos das sociedades africanas. Ela explica que na sociedade Yoruba, na Nigéria, antes da colonização, o fato de ser homem ou mulher não determinava poder ou autoridade. O que influenciava era a linhagem da pessoa, que era regulada pela idade, não pelo gênero. E a isso se junta uma percepção do filósofo Paulin Hountondji, de Benin - e aqui eu tô falando do país Benin, tá, e não da cidade Benin, na Nigéria, onde nasceu a Felícia. Paulin Hountondji observa que, muitas vezes, os próprios pesquisadores africanos, sobretudo na pós-graduação, respondem mais aos anseios da Europa do que da África. Negar outros tipos de saberes produzidos fora da epistemologia europeia é o que alguns intelectuais chamam de epistemicídio. Pra aproximar a discussão do Brasil, uma das intelectuais que recorrem a esse termo é a filósofa e escritora Sueli Carneiro. Ela diz que o epistemicídio é uma espécie de sequestro da razão, que nega a inteligência de outros povos e faz com que ela seja desvalorizada, desconsiderada ou até mesmo apagada pela cultura europeia. Esse é um cenário que não se destrói com uma ou duas ações da noite pro dia. Por mais que a gente queira, o processo de

romper com a herança do colonialismo leva tempo. Mas ele tem que começar, né? Nem que seja pra colher algum fruto lá na frente. E é por isso que agora a Raquel vai voltar pra Universidade Pedagógica de Maputo, naquele evento que abriu o episódio, pra te mostrar que os saberes podem vir de lugares diversos.

[ÁUDIO]

Professor: Vamos entrar para os nossos painéis, o prato forte do nosso evento. Vamos ter a oportunidade de presenciarmos um diálogo muito interessante, em que estarão acadêmicos, estudiosos, mas também praticantes da medicina tradicional. Então eu quero anunciar que vamos agora partir para o painel designado Gestão e partilhas do conhecimento endógeno dentro da comunidade e das comunidades dos nyangas.

[RAQUEL]

Esse painel tratou de conhecimentos endógenos, ou seja, conhecimentos que são produzidos por agentes locais, que pertencem a eles, e que partem das suas epistemologias, muitas vezes diferentes das epistemologias ocidentais. A mediação foi da professora moçambicana Matilde Muocha, que, assim como o Benjamin Macuacua, tem uma formação bem simbólica em relação a tudo que a gente conversou aqui nesse episódio.

[ÁUDIO]

Professor: Vai moderar este painel a dra. Matilde. Ela é as duas coisas ao mesmo tempo. Ela é professora universitária, de formação, ela vem da área de História, mas ao mesmo tempo ela é praticante de Medicina Tradicional. Não podíamos encontrar a melhor pessoa para moderar esse painel. Dra. Matilde, faça o favor.

Matilde: Obrigada, professor Eduardo, por estas palavras e por me dar a liderança deste painel que se segue. O painel que nós vamos fazer a discussão agora tem como título Gestão e partilhas do conhecimento endógeno dentro da comunidade e das comunidades dos nyangas.

[RAQUEL]

Em várias colônias da África, as práticas de medicina tradicional foram perseguidas e até criminalizadas, com a expressão “feitiçaria” sendo cunhada pra invalidar aquela forma de saber. Por isso é importante essa moderação de uma mulher que transita entre o saber acadêmico e o saber tradicional.

[ÁUDIO]

Aplausos.

Matilde: Eu... eu estou sentada num bom lugar. Estou sentada num lugar privilegiado. À medida em que as apresentações estão sendo feitas. À medida em que... (segue fala em Changana, que fica no fundo da próxima locução).

[RAQUEL]

Aqui a professora Matilde começa a falar em changana, que é um dos mais de quarenta idiomas nativos de Moçambique. A plateia ali na frente dela era composta por universitários, mas também por muitas lideranças Nyanga. Por isso ela reveza as falas em português e as falas em changana.

[ÁUDIO]

Matilde: Com essas palavras, caros presentes, caros convidados da segunda conferência internacional. Vou pedir aos colegas que estão nas plataformas digitais que nos ajudem, se por acaso houver alguém que queira fazer alguma pergunta aos nossos oradores deste painel, mas também que ao abrir a reflexão e pedir aos que estão aqui nesta sala, caso queiram comentar alguma coisa, fazer alguma pergunta, para que possam fazer e depois vamos deixar os nossos oradores para responderem.

[RAQUEL]

Matilde Muocha é só um dos muitos exemplos de que, como a gente já falou lá no início do episódio, não existe conhecimento puro, neutro ou universal. As nossas crenças sobre as pessoas e sobre o mundo são sempre filtradas por um sistema de conhecimento pautado por quem o produz e influenciado pelas relações de poder. Entender isso é um passo necessário para desconstruir essa epistemologia europeia colonial entranhada na nossa realidade. A ciência acadêmica, aquela que se faz nas universidades por meio dos métodos e conceitos ocidentais, não é superior, não é melhor, e nem muito menos exclusiva. Ela pode – e deve – conviver tranquilamente com a sabedoria dos Nyangas cantando e dançando numa sala de aula.

[ÁUDIO]

Nyangas cantando e dançando.

[JANAÍNA OLIVEIRA]

No próximo episódio...

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Raquel:** Ó, saímos de lá, Karol veio nadando, desde aquele barco, ó. Até aqui, né, Karol?

- **Karol:** É.

- **Raquel:** Nadando.

[RAQUEL]

A gente vai até uma ilha no Sul de Moçambique pra conversar com o Vovô Inhaca, que é um régulo, uma espécie de rei local.

[VOVÔ INHACA]

- **Raquel:** Eu acho que a primeira pergunta, eu acho que a pergunta mais básica é o que... qual é a função de um régulo?

- **Vovô Inhaca:** Sim senhora. Eu vou dizer o seguinte. O régulo, o régulo... ele... é a pessoa mais influente na comunidade.

[RAQUEL]

No terceiro episódio a gente vai falar sobre Direito. Sobre como o colonialismo tentou impor leis e instituições jurídicas. E sobre como as concepções locais de direito dos africanos resistiram e ainda resistem.

[VOVÔ INHACA]

- **Raquel:** Vovô, e o senhor falou que esse espaço aqui onde a gente tá ele é um tribunal também, porque é onde se recebem pessoas, se resolvem conflitos. O que mais acontece nesse espaço aqui, nesse espaço onde a gente tá?

- **Vovô Inhaca:** Isto foi feito para resolver estas coisas.

- **Vovô Inhaca:** Quem vem resolver problemas também vem se resolver como quem vai ao tribunal. Condeno aqui tudo que não é permitido.

[MÚSICA]

Tema de encerramento.

[CRÉDITOS]

Tramas Coloniais é um podcast documental em sete episódios, com realização da produtora Escuta Aqui, e apoio do Instituto Max Planck de História e Teoria do Direito, Departamento Regimes Históricos de Normatividade. Em

tramascoloniais.com.br você pode se aprofundar no conteúdo dos episódios, com fotos, vídeos, entrevistas, indicações de livros e bastidores da produção. Você também encontra a gente buscando por Tramas Coloniais no Instagram, no TikTok e no Bluesky. A idealização do podcast é da Raquel Sirotti e da Fernanda Thomaz. As pesquisas e as entrevistas são da Raquel e da Fernanda, com o auxílio do Mauro Manhanguale, da Karolyne Mendes e da Bianca Silva. A Raquel faz a produção e apresenta o podcast, acompanhada pela Gabriela Montoni. As locuções adicionais são da Janaína Oliveira e do Caio Santos. As gravações de campo e as fotografias são do Marcelo Londoño. A direção geral do podcast é do Rodrigo Alves, que sou eu, e eu também escrevo os roteiros. A supervisão dos roteiros é da Gabriela Montoni e do Thales Ramos. A Clara Costa é responsável pela edição e pelo desenho de som. A assistente de edição é a Giovanna Orsini. A trilha sonora do podcast é original, composta pelo Gabriel Falcão. As locuções são gravadas no Estúdio Rastro, no Rio de Janeiro, com a supervisão técnica do Danny Dee. E a gente recebeu uma consultoria de locução do Tiago Rogero. A identidade visual e as ilustrações são da artista Mayara Ferrão. O site foi desenvolvido pela Mariana Tavares. E a Emily Sabino cuida da distribuição e da produção nas redes sociais. Você gostou do episódio? Conta pra gente nas redes, compartilha com quem você acha que vai gostar, espalha o conteúdo por aí, e muito obrigado pela escuta.

[FIM DO EPISÓDIO]